



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Contraposição entre movimento e comunidade na cultura esperantista

Por: Luiz Fernando Dias Pita¹¹

magisterpita@gmail.com

Resumo

Este texto pretende discutir as novas configurações e tendências surgidas no meio esperantista, resultantes do impacto sofrido por este com o advento das novas tecnologias de comunicação e de informação. Também serão analisados seu impacto na comunidade esperantista, termo aqui usado para referir-se ao conjunto dos falantes do idioma Esperanto, e também no movimento esperantista, termo que designará os membros e ativistas dos clubes e associações voltadas para a divulgação e difusão do Esperanto. Valemo-nos dos dois termos para demarcar a distinção entre os interesses e propósitos de cada um destes grupos que, embora em diversos momentos compostos pelas mesmas pessoas, têm objetivos e posicionamentos diferentes quanto ao idioma. Esse trabalho seguirá um percurso até certo ponto historiográfico, pois voltado para um público mais amplo, necessita situar esse público no tocante ao panorama geral da cultura esperantista. Assim, creio, sua temática não só será mais acessível, mas, alguns pressupostos básicos da

11 É Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, é Mestre em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, é Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense – UFF, É Especialista em Língua Latina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e Graduado em Letras: Português-Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Tem aperfeiçoamento profissional em Esperanto com Teoria Linguística Básica pela Universidade Jagelônica de Cracóvia/ Polônia, Proficiência em Esperanto pela Universidade Eotvos Loránd/ Hungria. É servidor público estadual, docente do Ensino Superior, lotado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, atuando no Departamento de Letras, nas disciplinas de Língua Latina I e II. É professor, pesquisador e Coordenador de Pesquisa do Grupo de Pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR, atuando na Linha de Pesquisa de Idioma Internacional Neutro – Esperanto. Atua como Coordenador no Projeto de Pesquisa “Laboratório de estudos do Renascimento Humanístico. É membro do Corpo Editorial dos periódicos “IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica”, “O marrare” e “Revista eletrônica Tessituras”. É revisor do periódico “O marrare”. Ganhou o título *Humaniores Litterae*, do Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, em 2008. É autor de artigos científicos na mídia especializada nacional e internacional. É autor dos livros “Do era ao mais uma vez: o eterno retorno à Antiguidade Clássica e à Cultura Oriental” (2015); “*Baza kurso de Esperanto*” (2015); “Octavius” (2015); “A linha e o corte: tensões e transformações na Antiguidade Clássica e na Cultura Oriental” (2013). É coautor e/ ou organizador de “*kompleta gramatiko de la Tupia lingvo*” (2015); “Vocabulário pentalingue” (2014); “Imagens e miragens – Anais do V Congresso de Letras Clássicas e Orientais – LECO/ UERJ (2011); “Hispanismo” (2000) e “*Universo hispánico: lengua, literatura, cultura*” (2001).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

trajetória da cultura esperantista serão mais bem elucidados.

Palavras-chave: Esperanto; Cultura esperantista; Movimento esperantista; Comunidade esperantista; Tecnologias de informação.

Resumo:

Tiu teksto celas pridiskuti la novajn formojn kaj tendencojn aperintaj ene de la esperanta movado, rezultantaj de l' impakto suferita de tiu per la alveno de tielnomataj novaj teknologioj de komunikado kaj informado. Oni ankaŭ analizos tiun impakto en la esperanta komunumo, vokablo tie ĉu uzita kiel referenco al la parolantaro de la esperanta lingvo, kaj ankaŭ en la esperanta movado, vokablo kiu markigos anojn kaj aktivulojn de kluboj kaj asocioj kiuj sindediĉas al propagando kaj disvastigo de Esperanto. Oni uzas tiujn du vokablojn por reliefigi la distingon inter la intereso kaj celoj de ĉiu el tiuj grupoj, kiuj, kvankam en multaj momentoj komponataj de la samaj uloj, havas malsamajn celojn kaj poziciojn rilate al la lingvo mem. Tiu teksto sekvos kurson iagrade historiografia ĉar, celante pli ampleksan legantaron, estas necese lokigi tiun rilate al ĝenerala panoramo de la esperanta kulturo. Tiel, mi kredas, ĝia temaro ne nur estos pli facile alirebla, sed, ankaŭ, kelkaj bazaj postulaĵoj en vojo de la esperanta kulturo estos pli bone klarigitaj.

Ŝlosilvortoj: Esperanto; Esperanta kulturo; Esperanta movado; Esperanta komunumo; Informadikaj teknologioj.

A busca por uma língua que pudesse servir como ponte para o intercâmbio econômico, social e cultural da

Humanidade é um ideal que tem sido perseguido há séculos. Ao longo da História, diversos idiomas foram utilizados

com esta finalidade: desde o acádio, na antiga Suméria, passando pelo latim, língua de cultura no Ocidente até o

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

século XVII, até chegar ao inglês na contemporaneidade, diversos idiomas ocuparam essa posição privilegiada graças ao poderio militar e/ou econômico dos povos que as falavam – e conseqüentemente as impunham.

Paralelamente a esse processo, que podemos chamar de imperialismo linguístico - que sempre atua em paralelo ao cultural - a História também nos revela a criação e desenvolvimento de diversos projetos de idiomas que se caracterizariam pelo fato de serem “neutros”, isto é, não pertencerem diretamente a nenhum povo em particular. Tal ideia, que desarticula o “braço linguístico” do restante do corpo do imperialismo, foi levada a efeito por diversas pensadores, filósofos e linguistas, num processo que podemos fazer recuar até o século XII, com a *lingua ignota* da freira Hildegard de Bingen. No entanto, de todos os projetos apresentados, apenas um foi capaz de: a), ser posto em prática; b), sobreviver a seu criador; c), dar origem manifestações culturais, tais como literatura, teatro, música etc., próprias; e d), chegar a ter falantes nativos, isto é, pessoas que o tenham aprendido desde a primeira infância e o tenham por língua doméstica. Falamos aqui do Esperanto.

Tendo sido elaborado nos anos oitenta do século XIX, o projeto denominado *Lingvo Internacia*, teve seu primeiro livro publicado em 1887. Contudo, pelo fato de o seu autor, o oftalmologista polonês Lejzer Zamenhof, ter-se valido do pseudônimo Dr. Esperanto na publicação da obra, rapidamente a nova língua ficou conhecida por esse nome. Outro fato importante é que, nesse mesmo livro, Zamenhof pedia aos que concordassem com o seu projeto que se comprometessem a usar o novo idioma quando – e apenas quando - um milhão de pessoas houvesse assumido o mesmo compromisso. Por ora, deveriam apenas enviar-lhe seus endereços, que seriam divulgados ao público quando o número em questão fosse alcançado. Zamenhof, porém, não contava com que as pessoas comessem a aprender e a usar o idioma de imediato, estabelecendo contatos entre si, pessoalmente ou por via postal. Muito rapidamente, o Esperanto era colocado em prática, tornando-se o elemento aglutinador e veículo de uma nascente comunidade: a dos esperantistas.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O rápido desenvolvimento dessa comunidade ganhou novo ímpeto quando clubes e associações antes dedicados ao ensino, aprendizagem e divulgação do Volapük¹² migrassem inteiramente para o novo idioma, seguindo o exemplo do clube volapuquista de Nürnberg (1888). Há ainda o surgimento de novos clubes, que já nascem esperantistas, tais como a *Societo Espero*, em S. Petersburgo (Rússia), e o *Esperantista Klubo de Uppsala* (Suécia), ambos de 1891.

Tal fato, no entanto, teria também consequências para o Esperanto, pois se a comunidade esperantista começava, com isso, a receber contornos mais bem delineados, além de dispor de sedes físicas e de uma rede de divulgação bem mais organizada - que possibilitava, inclusive, a criação de jornais no idioma - essa própria organização acabaria por moldar, a partir daí, o *locus* da cultura esperantista: o clube de Esperanto, ponto não apenas de reunião, discussão, divulgação e, principalmente, aprendizagem da língua, mas também de fruição dos produtos culturais que a língua começava a apresentar. Assim, desde muito cedo o movimento esperantista estruturou-se a partir desses clubes e associações, de caráter local, voltados para o estudo e divulgação do idioma.

Porém, se tal modelo foi fundamental para o surgimento, crescimento e perpetuação da cultura esperantista; logo começou a exercer também um papel coercitivo no movimento como um todo, pois, ainda que o próprio Zamenhof, entre outros, tenha declarado que o traço distintivo do esperantista era o simples fato de falar a língua, a inserção desse falante na coletividade ficava, de certa forma, condicionada a sua pertinência a um clube e, conseqüentemente à adesão aos demais valores defendido pelo perfil da maioria de seus membros. Apesar disso, no entanto, os clubes logo se expandiram de tal forma que rapidamente começaram a esboçar novos contornos: com a criação de federações de clubes, são criadas associações nacionais de Esperanto, como a *Société Française pour*

12 O Volapük, criado pelo padre alemão Johann Martin Schleyer, foi o primeiro idioma artificial a provar-se exequível. No entanto, sua vida útil teve, por diversos motivos, pouca duração.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

la diffusion de l'Espéranto (1898) e inicia-se, não só na França mas em diversos outros países, um processo de hierarquização em nível nacional.

Entretanto, não apenas clubes locais eram formados, surgem também associações que visavam congregar esperantistas unidos por algum outro laço, seja religioso, cultural etc. Nesse campo, basta citar-se a *Internacia Katolika Unuiĝo Esperantista*, fundada em 1903.

O crescimento do movimento esperantista nas décadas de 1890-1900 tem sua culminância com a realização, em 1905, do I Congresso Universal de Esperanto, ocorrido no balneário francês de Boulogne-sur-Mer. Neste congresso, são tomadas medidas que dão à cultura esperantista os contornos que ainda hoje trazem: é feita a *Deklaracio pri Esperantismo*, texto em que se plasam os valores fundamentais que justificam a existência do Esperanto; valores que, indiretamente, estabelecem a conduta esperada dos esperantistas quanto a diversos assuntos. Um de tais valores é o da estrita neutralidade do movimento esperantista quanto a política, religião, questões sociais etc¹³. Além disso, estabelece-se também o chamado *Lingva Komitato*, embrião da futura *Akademio de Esperanto*, comissão cujo objetivo era o de normatizar o uso da língua, naquelas situações ainda indefinidas.

Se, naquele momento, o *Lingva Komitato* representa a instância máxima da língua internacional Esperanto, logo o movimento em si encontrará seu equivalente com a fundação, em 1908, da *Universala Esperanto-Asocio* (UEA), entidade que, inicialmente, objetiva congregar os esperantistas de todo o planeta. Contudo, a partir dos anos 1920, a UEA será reformulada e será – também e principalmente – uma federação de associações nacionais e de classe. O processo de hierarquização e de verticalização do movimento esperantista está completo, e, nele, a comunidade

13 Tal neutralidade não impedia que um esperantista vinculasse sua atuação pelo Esperanto a essas questões, mas eximia o movimento de responsabilidade para com essa vinculação. Tal posicionamento, aliás, acabaria custando caro ao movimento esperantista, quando foi perseguido por Hitler, sob a acusação de serem “agentes do sionismo internacional” e ao mesmo tempo por Stálin, por serem “pequeno-burgueses e contra-revolucionários”.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

esperantista está plenamente inserida e enquadrada, uma vez que, na prática, não há, fora dessa pirâmide, espaços que lhe sejam particulares.

É nesse contexto que os congressos universais de Esperanto, realizados anualmente, galgam o posto de “vitrine viva” do movimento esperantista e, principalmente, da produção cultural em Esperanto, pois é durante os mesmos – que chegam a ter oito mil participantes – que ocorrem o lançamento de livros – muitas obras de caráter didático, mas também, e com maior repercussão, as literárias – ocorrem também concursos literários, de música, apresentações de teatro, poesia etc. Percebe-se então que, tal como a comunidade, as próprias manifestações culturais em Esperanto acabam também submetidas àquele contexto hierarquizado. Evidentemente, organizados sob o controle institucional, quando não sob financiamento direto, das associações nacionais e da UEA, a produção cultural veiculada nos congressos e nos principais jornais e revistas esperantistas estão, ainda que indiretamente, sob a chancela, ainda que apenas ideológica, dessas mesmas organizações.

O principal componente ideológico, nesse momento, é aquele denominado *Finvenkismo*, segundo o qual todos os esforços do movimento devem visar a adoção do esperanto como língua auxiliar em todas as nações do planeta. Para isso, toda a produção cultural em esperanto deve, de alguma forma, contribuir para esse objetivo, sendo pois inseparável de uma função de propaganda do ideário esperantista¹⁴.

E será justamente no flanco ideológico que surgirão as primeiras dissidências quanto ao aspecto verticalizado: denunciando o caráter “burguês” da postura rigorosamente neutralista da UEA, Eugène Lanti inicia um o processo que resultará, em 1921, na criação da *Sennacieca Asocio Tutmonda* (SAT), entidade que congregará os

14 Tal fato acabou colocando de lado aquelas associações cujo objetivo primordial era trabalhar por meio do Esperanto, e não em prol do Esperanto: ainda que existentes e ativas nesse período, tais grupos, como *Internacia Sciencista Asocio Esperantista* (ISAE), tiveram um papel, quando muito, coadjuvante no panorama esperantista de então.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

socialistas, comunistas e anarquistas existentes no movimento, visando à articulação internacional dessas ideologias por meio do Esperanto.

Na visão da SAT, estabelecida no manifesto *For la Neŭtralismon!*, de 1922, o *finvenkismo* só será possível com o fim da luta de classes, conseguido através da vitória do proletariado internacional. O embate entre SAT e UEA será uma constante no período entre-guerras, levando inclusive a que fosse proibida a participação em ambas as associações.

Essa conjuntura irá se manter, mesmo durante as perseguições aos esperantistas nos anos 30 e durante Segunda Guerra Mundial, após a qual e em razão das vitórias de Stálin na frente oriental e subsequente instauração da “Cortina de Ferro”, o esperanto passa a ser mal-visto na Europa do Leste, e, embora isso se dê em diferentes graus – que vão desde à proibição pura e simples de seu ensino e aprendizado, até o rígido controle estatal de suas atividades –, uma consequência geral do fato é a saída das associações desses países dos quadros federativos da UEA, e também da SAT, que, nesse ínterim, já havia rompido com o centralismo de Moscou.

Com isso, a representatividade da UEA como mola propulsora do movimento esperantista é bastante enfraquecida, e, mesmo com as resoluções da Unesco favoráveis ao Esperanto (1954), fica cada vez mais patente que há uma fissura na até então vigente identificação imediata entre comunidade e movimento esperantistas: o movimento, quer pelas suas divergências internas, quer pelo esmaecimento de sua representatividade, não dá mais conta de atender a todas as demandas da comunidade esperantista, que começa, a partir dos anos 50, a buscar novos meios de expressão e de organização.

Essa busca é alimentada também pelo abismo entre os interesses da geração que vivenciou o período entre-guerras e aquela surgida ao longo dos anos 50-60. Esse segundo grupo manifesta desejos e opiniões que estão muito mais próximos da contracultura e dos movimentos de contestação que da visão *finvenkista* tradicional



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

representada pelas instituições esperantistas: portanto, aquelas instituições esperantistas voltadas para o público jovem ganham uma força insuspeitável no período anterior. Essa força, convém dizer, é usada no sentido de reivindicar maiores espaços para a comunidade esperantista, sem no entanto romper com o movimento institucionalizado, dessa forma, a *Deklaracio de Tireso*¹⁵, lançada em 1969, pode ser lida não apenas como um chamado à mobilização da juventude dentro do ambiente contestatário dos anos 60, mas também como um reivindicação de maior espaço para essa juventude, sufocada pelo movimento, dentro do próprio meio esperantista. Seu posicionamento é inequívoco:

*Plivastigi la dimension de la individuo. (...) La mobilizo okazas ĉefe pro sento, ke la libera evoluo de la individuo estas pli kaj pli endanĝerigata de la establitaĵoj. La establitaĵojn ordosistemojn subtenas du tendencoj: unue malaktualaj kaj tro normigaj konceptoj pri la homo, due, la rapide evoluanta teknologio, kiu emas detrui la fizikan ĉirkaŭaĵon se la homo, kaj subfosi la homan psikon.*¹⁶ 432.

Paralelamente, começa a haver, principalmente nos países da Europa Ocidental, o surgimento de novas associações esperantistas, que dão novo vigor ao uso do esperanto em outros ambientes que não o movimento em si; temos a (re)organização de associações de caráter religioso: protestantes, católicas, baháí, mórmons, etc.; de classe: médicos, advogados, ferroviários; de grupos comportamentais: homossexuais, vegetarianos, ambientalistas; e mesmo de *hobbies*: rádio-amadores, ciclistas, enxadristas; enfim, todo um novo circuito de associações que estabelecem

15 Que tem esse nome por ter sido feita durante o 25º Congresso Internacional da Juventude Esperantista, ocorrido na cidade de Tyresö (Suécia).

16 Ampliar a dimensão do indivíduo (...) A mobilização ocorre principalmente pelo sentimento, que a livre evolução do indivíduo é cada vez mais posta em perigo dos sistemas estabelecidos. Duas tendências mantêm estes sistemas estabelecidos: primeiramente concepções muito antiquadas e demasiado normativas sobre o ser humano. Em segundo lugar, a tecnologia em rápida evolução, que tende a destruir o ambiente físico do homem, e socavar a psiquê humana.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

novos posicionamentos frente ao movimento esperantista organizado; nem sempre assumindo uma postura de colaboração. Ao contrário: há até mesmo casos de recusa categórica a qualquer colaboração. Essas novas associações têm como traço comum o objetivo primordial de usar o esperanto para seus fins específicos, e seu compromisso com a divulgação do idioma geralmente se circunscreve ao grupo que representam.

Conjugados, o surgimento dessas novas associações, e seu apelo junto às novas gerações engendram uma ruptura no ideário do movimento esperantista: o nascente sentimento de autonomia da comunidade frente ao movimento rapidamente leva ao surgimento de novas revistas e editoras, que se empenham em falar sobretudo à comunidade esperantista sobre diversos assuntos, até mesmo sobre o movimento, sem contudo preservar aquela sumária identificação existente nas gerações anteriores. Desse modo, é claramente detectável, entre essa nova geração de esperantistas, uma visão crítica, tanto quanto à estruturação do movimento, quanto também aos objetivos do mesmo.

No entanto, serão necessários cerca de mais dez anos para que essa crítica ganhe corpo, pois será apenas em 1980, durante o 36º Congresso Internacional da Juventude Esperantista, realizado em Rauma (Finlândia) que essas críticas serão convertidas em um conteúdo programático conhecido como *Manifesto de Raŭmo*, que conclamava os esperantistas a usufruírem de sua condição, servindo-se dos valores do Esperanto e da cultura esperantista, colaborando para seu fortalecimento, mesmo que isso signifique pôr de lado o *finvenkismo* até então predominante. Nesse aspecto, o quinto e último ponto do *Manifesto* é categórico quanto à demarcação dos limites entre as duas posturas:

Ni kredas ke la unua jarcento de Esperanto pruvis la taŭgecon de la lingvo por esprimi ĉion; meze de la 80-aj jaroj, komence de la dua jarcento, ni devos ekmontri al la mondo ke ni kapablas ankaŭ diri ion - ion kulture originalan kaj internacie valoran. 434



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Assim, o decurso dos anos 80, e princípio dos 90, será o palco de um grande embate cultural no meio esperantista: que postura adotar? Manter a crença no *finvenkismo* ou defender o nascente *raŭmismo*? Tal debate, entretanto, apesar de produzir largas e acaloradas discussões, que movimentavam as principais revistas do movimento esperantista, era apenas a ponta visível de outra discussão, que ocorria nos bastidores, e que, de fato, era uma questão bem mais incômoda: o movimento esperantista, como até então constituído, era realmente capaz de atender à comunidade à qual pretendia servir? E mais, essa comunidade caberia, ainda, nos limites para ela traçados pelo movimento?

Tal embate não chegou a ter uma conclusão, uma vez que, antes que se chegasse a ela, entra em curso uma nova revolução no panorama da cultura esperantista, que reequaciona as peças no tabuleiro e traz toda essa discussão – que até então acontecia entre os agentes institucionais e/ou culturais do meio esperantista, raramente alcançando aquele esperantista cuja participação se limitava ao clube local – à pauta do dia: falamos aqui da entrada da internet no cotidiano do esperanto.

A partir da segunda metade dos anos 90, a popularização da internet levou, não só, mas também o movimento esperantista a uma quase total reconfiguração em diversos de seus aspectos, pelas diversas consequências que acarretou. A primeira, e a mais importante delas, foi a remodelagem da estrutura piramidal até então construída: se, desde a publicação do *Unua Libro* até aquele momento, a base do movimento – e da comunidade – esperantista estava firmemente assentada nos clubes locais, a fundação de “clubes virtuais”, “listas de discussão” e, enfim, a presença massiva de esperantistas nas diversas redes sociais acabou por dar nova configuração ao quadro, pois, para aprender-se a língua, não é mais necessária a frequência a um curso; assim como, para manter-se em contato com outros esperantistas – e portanto com o idioma – não é mais obrigatório frequentar-se um clube; pois há uma enorme oferta de materiais de ensino/aprendizagem do idioma, tanto disponibilizados na rede,

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

quanto – e esse é o aspecto mais importante – desenvolvidos em caráter colaborativo e sem intenção comercial, por esperantistas que desejam tão somente divulgar seu idioma e que, na maioria das vezes, dispõem-se a ensiná-lo através da própria rede, obtendo como retorno um grande número de interessados e de pessoas que, pelos mais diversos motivos, começam a estudar a língua.

Tal aprendizado diferencia-se daquele dos períodos anteriores pelo fato de que o estudante têm, desde o início, acesso à produção cultural em esperanto; a qual se viu, por sua vez, não só disseminada em larga escala como também extremamente dinamizada, uma vez que seu acesso a ela – através de material gratuitamente disponibilizado na rede - seja por ausência de direitos autorais, seja por livre cessão por parte dos autores, ou mesmo por pura e simples pirataria - foi enormemente facilitado: no âmbito da Literatura, muitas obras clássicas da literatura esperantista, antes consideradas raras e esgotadas, são agora facilmente encontradas *online*, estando acessíveis a um público que, por sua própria dispersão, tinha enorme dificuldade em adquiri-las.

No campo da música, muito do cancionário esperantista, antes de divulgação bastante restrita, devido à dificuldade de distribuição, mesmo por via postal, de discos de vinil e fitas cassete, tem agora ampla divulgação, através de rádios virtuais e *podcasts*, estando disponível para *download*¹⁷.

Tais fenômenos, é justo ressaltar, não são exclusivos da cultura esperantista: diversas línguas minoritárias, e até mesmo o latim, receberam o mesmo impulso proporcionado pelas novas mídias. Nesses casos, porém, esse impulso significou a manutenção dessas línguas e a integração de seus falantes antes dispersos. No caso do esperanto, ao contrário, o que se dá é a *expansão* do número de falantes.

Porém, o fenômeno que mais de perto nos interessa nos chega da percepção de que esse impulso causou, paralelamente, o ressurgimento da horizontalidade nas relações internas da comunidade esperantista, uma vez que o

17 O que tem aquecido o “mercado esperantista”, já que as vendas de livros e discos nesse idioma vem crescendo de modo sustentável, nos últimos quinze anos.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

contato direto entre seus membros dispensou o papel – exercido muitas vezes de forma censória – das instituições do movimento.

Ocorre, portanto, uma nova ruptura, ocasionada pelo fato de que o movimento já não é sinônimo nem repositório da comunidade esperantista. Nesse aspecto, assistimos a um fenômeno completamente impensável, mesmo pelos que, há trinta e cinco anos, subscreveram o *Manifesto de Raŭmo*: pela primeira vez, na história do idioma, há uma geração de esperantistas que não foi apascentada no ambiente dos clubes e associações, mas que travou conhecimento, aprendeu, e hoje vivencia a cultura e o ideário esperantistas através do ambiente virtual, ingressando na comunidade esperantista sem jamais ter (tido) uma convivência direta com o movimento homônimo. Do qual, aliás, parece preferir manter distância.

Esse fato tem levantado enormes debates no movimento esperantista, uma vez que tem acarretado uma série de consequências nos mais diferentes planos: no plano organizacional, a horizontalidade prescinde da filiação a algum grupo como condição para a participação na comunidade esperantista; assim, muitas das associações esperantistas têm perdido um número expressivo de seus membros. Tal fato tem, infelizmente, afetado principalmente as associações de fins específicos; muitas das quais desapareceram, ou estão em vias de fazê-lo¹⁸. As associações nacionais e internacionais também têm perdido membros, e é sintomático o fato de que, em 2015, um único grupo de esperanto na rede social Facebook tenha cerca de 15000 membros, número que é o triplo do de associados da UEA.¹⁹

¹⁸ Exceções dignas de nota são aquelas associações de cunho comportamental, cujo número de membros têm se mantido estável, caso das associações vinculadas a alguma religião, ou mesmo crescido, como é caso dos grupos de esperantistas homossexuais e ateus.

¹⁹ Claro, há que se considerar que, no caso dessas associações, o pagamento das anuidades sempre foi um fator restritivo para o crescimento do número de associados; logo, muitos dos que hoje se concentram nos ambientes virtuais jamais foram membros de quaisquer associações. Não obstante, a queda no número de filiados é, cada vez mais, alarmante. Há que se considerar também o envelhecimento dessa população, já que, segundo pesquisas recentes, a idade média dos membros de associações como a UEA é de 60 anos.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No plano ideológico, o alargamento dos vínculos entre aquela geração de esperantistas formada nos clubes - e que comungava do ideário esperantista tradicional: *homarano*, *finvenkista* ou mesmo *raŭmista* – e os novos esperantistas formados pelo ambiente virtual vem interrompendo a transmissão do ideário esperantista às novas gerações. Tal fato leva, inclusive, a que muitos desses (novos) esperantistas “reinventem a roda” nos meios virtuais, trazendo ideias e propostas que, em alguns casos, já são veiculadas no movimento há mais de um século!

Contudo, o fato mais importante, nesse aspecto, é que há uma ruptura – que, até o momento, parece irreversível – naquela “complementaridade ideológica” que, em diversas regiões, foi assumida pelo movimento, e também pela comunidade, esperantista. Esta complementaridade postulava que um bom militante pelo esperanto deveria *também* apoiar uma determinada causa – o ambientalismo ou o vegetarianismo, por exemplo -, ideologia – socialista ou anarquista – e, em muitos dos casos, até mesmo uma determinada religião: kardecismo, bahá’i, mórmons, oomoto, uonbulismo, etc.

Há, ainda em curso, um processo de seleção de ideias e posicionamentos que, de certa forma, resolveu aquele embate entre *finvenkistas* e *raŭmistas*, não porque tenha decidido a questão a favor de um dos lados, mas porque, realizando uma verdadeira filtragem nesses conjuntos de ideias, tenha realizado uma síntese entre os dois posicionamentos, mostrando quais das posições assumidas por cada um dos lados eram realmente válidas. Esta filtragem, conjugada à expansão da comunidade, acabou por fazer com que as ideias *raŭmistas* sejam predominantes junto à comunidade esperantista, adquirindo tons mais “*finvenkistas*” entre os membros da comunidade engajados no movimento e, principalmente, entre os dirigentes das instituições esperantistas. (Evidentemente, considerando-se o fato de que os dirigentes das associações esperantistas sejam, em geral, mais velhos que os membros da comunidade, tal fato deve nos causar qualquer estranhamento.)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

À guisa de conclusão, devemos nos contentar, por ora, com o fato de que é impossível determinar com precisão quais rumos serão tomados pelo esperanto – comunidade e movimento - nos próximos anos. Mas pode-se afirmar com segurança que está em curso uma reconfiguração do universo cultural esperantista que, se não é completa, é bastante contundente. E também que, essa reconfiguração tem contribuído não só para renovar o plantel de falantes desse idioma, mas, principalmente, para dar maior oxigenação à vida cultural por ele veiculada.

Referências

- ECO, Umberto. **La serĉado de la perfekta lingvo en la Eŭropa kulturo** . Pisa: Edistudio, 1994.
- GALOR, Zbigniew; PIETILÄINEN, Jukka. **UEA en konscio de esperantistoj** . Dobřichovice: Kava-Pech, 2015.
- KORĴENKOV, Aleksander. **Historio de Esperanto** . Kaliningrado: Sezonoj, 2005. Serio Scio, 5.
- MELNIKOV, Aleksandro S. **Gvidlibro tra Esperantio** (konciza leksikono de la Esperanto-kulturo: esperantonimoj, realioj kaj flugilhavaj vortoj). Rostov-na-Donu: Mini Taip, 2015.
- PITA, L. F. D. "Latim e Esperanto, via Internet" In SILVA, José Pereira da (org.). **A Língua e o Ensino** - Cadernos do CNLF, vol V, n 10 (2002) 69-80.
- PRIVAT, Edmond. **Historio de la lingvo Esperanto** Haia: Internacia Esperanto-Instituto, 1982.
- UNIVERSALA ESPERANTO-ASOCIO. **Jarlibro 2015**. Rotterdam: Universala Esperanto-Asocio, 2015.